

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

As novas metodologias no ensino de História

No ensino médio, do Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho em Tefé (AM)

TEFÉ – AM

2019

SALATIEL MARTINS RODRIGUES

As novas metodologias no ensino de História

No ensino médio, no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho em Tefé (AM)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História do centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST-UEA, como requisito para a obtenção do título de graduação em história.

Orientador: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda.

TEFÉ – AM

2019

FICHA CATALOGRAFICA

RODRIGUES, Salatiel Martins

S729c As novas metodologias no ensino de História: tcc feito no centro educacional governador Gilberto mestrinho na cidade de Tefé – Amazonas/ Salatiel Martins Rodrigues – Tefé – AM, 2019.

viii, 43f.;29 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em licenciatura em História)
Universidade do Estado do Amazonas, Campus Tefé – AM, 2019

Orientador: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda.

Incluir referências

1. As novas metodologias – didáticas. 2. ensino de história. 3. professor. 4. aluno–Tefé (AM). I. Título. II. Rodrigues, Salatiel Martins. III. Universidade do Estado do Amazonas

SALATIEL MARTINS RODRIGUES

As novas metodologias no ensino de História

No ensino médio, no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho em Tefé (AM).

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda
(Universidade do Estado do Amazonas)

Profa. Msc. Cecília Creuza M. Lisboa
(Universidade do Estado do Amazonas)

Prof. Msc. Manoel Domingos de Oliveira
(Universidade do Estado do Amazonas)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acreditaram em mim, em especial a minha mãe, a minha esposa e filhos, a meus amigos de faculdade que na maioria das vezes estiveram comigo no decorrer da minha trajetória acadêmica e a todos que de forma direta e indireta contribuíram para que conseguisse atingir meu tão sonhado objetivo que era concluir a faculdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família em especial a uma pessoa muito importante na minha vida, que é uma amiga, companheira inseparável na minha trajetória acadêmica que é minha esposa, quando pensava em desistir ela estava sempre do meu lado, me apoiando e dando forças para não desistir do meu sonho que com o passar do tempo passou a ser o dela também. Ao meu orientador o Dr. Yomarley Lopes Holanda que me auxiliou no processo e construção deste trabalho, onde não mediu esforços para me auxiliar em, mas uma etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço também aos colegas de faculdade Àlem Coelho, Ednagila, Kiane Seabra, Jaciara Magalhães, Tatiane, em especial ao meu grande amigo Emídio Oliveira, ao bibliotecário Davi e a todos os outros amigos que estavam comigo no Estágio Supervisionado III, sem o apoio e o companheirismo dessas pessoas especiais na minha vida nada seria possível, bem como na hora do intervalo para o cafezinho onde cada um tentava acalmar um ao outro de forma harmoniosa. A todas as pessoas que acreditaram na minha vitória.

RESUMO

O presente trabalho teve como base uma pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo que foi realizada no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho na cidade de Tefé. Esta pesquisa de campo foi desenvolvida e teve como objetivo coletar dados sobre as Novas Metodologias no Ensino de História, pois a tecnologia está contribuindo no Ensino/Aprendizagem de História. Na pesquisa de campo foram entrevistados 20 alunos do 1º ano 01, do turno vespertino. No primeiro capítulo elencamos uma análise de vários autores sobre as Novas Metodologias no Ensino de História através da modernidade, com as tecnologias, como a internet, a televisão e o rádio, sendo assim metodologias inovadoras para os alunos. O segundo capítulo vem mostrar a análise e o resultado da pesquisa de campo sobre como é o ensino de História na escola e se os professores já estão adotando essas Novas Metodologias no Ensino de História.

Palavras-chave: Novas metodologias; Ensino de História; Formação Docente.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Distribuição dos alunos segundo sua preferência pela disciplina.....	31
Figura 2- Distribuição dos métodos usados segundo alunos.....	32
Figura 3- Distribuição dos resultados dos alunos segundo pesquisa.....	33
Figura 4- Opiniões dos alunos segundo questionamento.....	34
Figura 5- Distribuição dos dados relatados pelos alunos.....	35
Figura 6- Resultado de como a conversa, alunos bagunceiros e a falta de autoridade do professor podem deixar a aula sem interesse.....	36
Figura 7- Distribuição dos relatos sobre a metodologia dos professores segundo os alunos.....	37
Figura 8- Opinião dos alunos em relação à disciplina de História, como cansativa ou atraente.....	38
Figura 9- O professor faz ou não a contextualização do conteúdo aplicado aos alunos com a realidade local.....	39
Figura 10- O professor de História está fazendo com que o aluno se torne um cidadão crítico e reflexivo.....	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I	16
O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 80.....	16
1.1As novas tendências educacionais	16
1.3 A formação dos professores de História.....	24
CAPÍTULO II.....	30
2.NOVAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM UMA ESCOLA DETEFÉ/AM.	30
2.1 Conversando com os dados de campo.....	42
2.2 Novas práticas didáticas pedagógicas no ensino de História.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERENCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

A História é a Ciência dos homens no tempo, uma vez que estudar os homens, sua produção e suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais em um determinado espaço de tempo. E esse tempo está sempre se modificando, ou seja, o tempo não para e não se repete. Nesse sentido a História pode ser um elemento importante para o indivíduo ter a possibilidade de ser consciente de si próprio, bem como do ambiente à sua volta, desta forma, não basta apenas narrar a História, é necessário embasá-la por meio de fontes, que relacionadas, através de uma análise cuidadosa podem auxiliar na constituição de uma percepção crítica e problematizadora da sociedade é de contextos.

O Ensino de História durante muitos anos foi associado às coisas velhas e antigas ou apenas a datas, a maioria dos professores continua abordando o conteúdo desta forma. Desta maneira a formação dos professores na atualidade tem indicado a necessidade de um ensino mais significativo no que diz respeito a essa disciplina. Visto que a proposta do Ensino de História é problematizar e estimular o aluno a ser crítico e reflexivo sobre o mundo a sua volta.

Esta monografia teve como base o estudo de caso realizado no 1º ano do ensino médio no centro educacional Governador Gilberto Mestrinho, no turno vespertino, e tem como tema As novas metodologias no ensino de História, cujo trabalho vem tentar mostrar as vantagens que a tecnologia traz para o ensino- aprendizagem. O desenvolvimento desta pesquisa de campo foi com o intuito de coletar dados sobre a concepção das novas metodologias que os professores podem aplicar sobre a Didática em História, visando observar as suas práticas, o entendimento a respeito de suas aplicações em sala de aula. O ensino de História no Brasil, por muito tempo deu preferência para a memorização de fatos tornando o estudo muito cansativo, pois era mera decoração de datas e feitos heróicos. Sabemos que durante muito tempo o ensino de História teve caráter do tradicionalismo, que levava o aluno a limitar-se o seu conhecimento em relação aos grandes acontecimentos da História política e aos feitos heróicos, dessa maneira com a preocupação com os subsídios utilizados na formação social, culturais e econômicas do educando, buscou-se identificar as diferentes metodologias utilizadas pelos professores na referida escola, com o intuito de termos resultados expressivos que revelem a importância dessas novas práticas no ensino da disciplina de História.

O objetivo principal deste trabalho foi analisar como a tecnologia e as novas metodologias podem auxiliar no ensino aprendizagem na disciplina de História, fazendo com

que os alunos possam de fato aprender sem dizer que a disciplina serve apenas para obter nota para o ano letivo. Com isso foi feita uma pesquisa bibliográfica de vários autores, historiadores como Circe Bittencourt, Selva Guimarães, Paulo Freire, Leandro Karnal e outros que de fato mostram que uma simples mudança na hora de ministrar as aulas pode fazer uma grande diferença para o aprendizado.

Mas fazer um professor tradicional passar por uma mudança repentina não é fácil, pois ele já está condicionado a sempre fazer as mesmas coisas por vários anos, então foi perguntado a ele como se sentia com a chegada da tecnologia na escola, resposta simples estava tentando entrar na era digital, para poder definitivamente se adequar as mudanças. E no meio disto vêm os alunos, os quais também têm uma grande participação neste trabalho, pois foi proposto a eles um questionário com dez perguntas, a fim de responderem como o professor estava acompanhando as mudanças no ensino.

Este trabalho foi elaborado depois de algumas observações, que pude fazer enquanto era bolsista do Pibid, pois durante o programa do Governo Federal estive em duas escolas no município de Tefé: a Escola Estadual Santa Tereza e a Escola Nazira Litaif, nas quais fiz meus estágios I, II. Meu estágio III foi feito no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho, nessa experiência como bolsista e como estagiário percebi a diferença de cada professor na hora de ensinar a disciplina de História.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro ele vem trazendo uma discussão dos autores sobre as mudanças na educação principalmente na História, partir da década de 80 em diante, juntamente com as novas metodologias que vem a ser usadas no decorrer dos anos seguintes, vem trazendo de que forma a escola conseguiu se articular com as mudanças ao contexto social e como foi à formação dos novos professores de História. O segundo capítulo aborda os dados das pesquisas de campo realizadas na escola, e também retrata um pouco das novas práticas didática pedagógica apresentada no ensino da História.

Conseqüentemente é comum os alunos se perguntarem para que serve a História? No século XX, com o surgimento de novas correntes historiográficas gradativamente a forma tradicional, foi dando espaço a novas formas de ensino, porém ainda se percebe que muitos professores recorrem somente ao livro didático como metodologia, sendo utilizado como o portador da verdade histórica.

No século XXI, a tecnologia vem mostrar às novas metodologias de se ensinar a disciplina de História, como o uso áudio visual, as letras de músicas e o uso de imagem, e esta nova Didática não envolve só o aprendizado dos alunos, mas também o dos professores. Essa pesquisa é um estudo de caso junto aos professores, em que se discutiram elementos para que

possa ser usado nas aulas de história como uma ferramenta auxiliar na qualificação das relações ensino/aprendizagem nessa área. O professor através do Ensino de História conseguirá disponibilizar um aprendizado histórico para os alunos, que por sua vez, interferirá e criará condições para que estes possam perceber a sociedade num todo e as suas transformações no tempo. Oferecendo deste modo elementos para que os alunos consigam entender e ter uma Consciência Histórica como indivíduos na sociedade.

Mas essas novas metodologias na disciplina de História tem sido um grande desafio para os professores, cujo na sua maioria trabalham nos três turnos sem ter tempo para preparar uma aula dinâmica para os alunos ou tem outra disciplina para que consiga fazer sua carga horária exigida na escola, mais no caso da História em pleno século XXI, ela ainda é vista como uma disciplina decorativa, pois ainda o livro didático é bastante usado na sala de aula para aulas expositivas, ou seja, sem que o professor explique o conteúdo dado deixando o aluno sem resposta. Somente com as novas metodologias poderemos reverter esse quadro sem deixar de lado essas aulas expositivas e sim fazendo reformulações nas mesmas para que o aluno consiga adquirir o conhecimento desejado pelo professor.

Sabemos que o ensino de História vem passando por mudanças significativas nos últimos anos, mas também sabemos que isso é um processo demorado, mesmo assim o professor já não pode, mais ficar preso nas datas, no seu conceito formado ele precisa acompanhar as novas mudanças que vem ocorrendo no decorrer dos anos. Precisa está consciente da realidade sócio cultural do aluno fazendo com que ele tenha uma maior compreensão do assunto abordado, trazendo para as aulas fatos históricos de tempos remotos e fatos próximos para o presente fazendo com os alunos tenham a curiosidade a vontade de aprender a História.

Essas novas metodologias de se ensinar História é vantajosa, mas é preciso usar uma prática consistente, inovadora e criativa sendo uma estimuladora para que por si só o aluno consiga ser crítico e reflexivo na sociedade em que vive.

Sendo assim espera-se que esta pesquisa possa servir de base para melhorar a prática no ensino de História, com o avanço das novas metodologias apresentadas no presente trabalho de conclusão de curso, tanto na escola onde a mesma foi abordada como em outras escolas do município, no sentido de despertar no professor, gestor e outros apoiadores da educação para essas novas transformações, ações e atitudes que vem surgindo no passar dos anos para que possa favorecer a sociedade uma boa educação.

CAPITULO I

O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 80.

1.1 As novas tendências educacionais

Somente a partir da década de 80, que foi se abrindo o campo da explicação social para uma visão da totalidade histórica, sob influência do marxismo da nova História e da historiografia onde os livros didáticos se renovaram e muitos surgiram e se incorporaram aos avanços acadêmicos que vieram a contribuir para maior criticidade na abordagem histórica. Assim o ensino da história tem sido um campo cada vez mais crescente no âmbito da história da educação encorpando as reflexões realizadas pelas tendências historiográficas contemporâneas, sendo o trabalho, mas interessante e direcionado para o estudo da História como disciplina escolar que vem analisar algumas dimensões do seu ensino nas escolas dos séculos XIX e XX, desde esta mudança a disciplina de História não é mais a mesma desde sua constituição no século XIX, embora ela ainda traga alguns elementos de origem, como as práticas ligadas ao ensino e outras concepções historiográficas, importantes processos contribuíram para essas mudanças, como a formação dos professores, as políticas relativas à educação, as novas metodologias inseridas ao ensino de História em particular, a organização nas escolas que trouxeram à história próxima as outras disciplinas que estudam o homem.

As mudanças efetuadas no ensino de História nas últimas décadas vieram articuladas às transformações sociais, políticas, econômicas e educacionais de maneira mais ampla, bem como àquelas ocorridas no interior dos espaços acadêmicos, escolares, na indústria cultural e em diversos espaços formativos. Nesse sentido, considero importante não separar a investigação e o debate sobre o ensino, do contexto em que ele é produzido, do conjunto de relações de espaços de saber e poder, especialmente, das relações entre estado, universidades, indústria cultural e escolas de ensino fundamental.

Nas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI, a produção historiográfica e educacional não somente se ampliaram de forma consistente e gradativa, como alargou sua presença na indústria cultural incluindo aqui os diferentes espaços de produção de novas tecnologias e artefatos, objetos que fazem parte da cultura contemporânea. Assim além do estado e do mercado editorial, a mídia também se faz presente na discussão sobre o ensino de história, ou seja, sobre o que, para que e como promover esse ensino a milhões de jovens que freqüentam escolas brasileiras (FREITAG 1977, p). Discutir o ensino de História, no século XXI, é pensar os processos formativos que se desenvolvem em diversos

espaços e as relações entre sujeitos, saberes e práticas. Enfim é refletir sobre o modo de educar cidadãos numa sociedade complexa marcada por diferenças e desigualdades.

O ato de fazer história historicamente esteve atrelado à capacidade dos seres humanos de deixar registros escritos de sua trajetória no mundo, tanto que a sociedade ocidental considera marco fundador de sua história o surgimento da escrita. Somente a partir da primeira metade do século XX novas abordagens historiográficas (sobretudo a da escola dos Annales) questionaram a proeminência desses registros e abriram espaços para a diversidade de fontes. Os historiadores, então, passaram a construir suas narrativas baseadas em outros tipos de registros – imagéticos, orais, sonoros e materiais.

Na fala da professora Anna Maria Pessoa de Carvalho (2000), ela vem a dizer: nestes últimos anos, quando a educação passou a ser considerada uma área essencial na formação de cidadãos para o desenvolvimento econômico e social do país, a tarefa de ensinar cada um dos conteúdos específicos sofreu muitas reformulações, o que gerou novos direcionamentos para as propostas metodológicas a serem desenvolvidas nas salas de aula.

Na escola contemporânea a interação professor/aluno mudou não somente na forma, como também no conteúdo. A principal influência na modificação do cotidiano das salas de aula: a compreensão do papel desempenhado pelas diferentes linguagens presentes no diálogo entre professor e alunos na construção de cada um dos conteúdos específicos e a introdução das TICs - tecnologias de informação e comunicação – no desenvolvimento curricular.

Desta forma podemos dizer que o ensino da História é um campo complexo, onde contêm caminhos que se entrecortam com suas múltiplas relações com várias dimensões da sociedade, sua posição como instrumento científica político, cultural, para diferentes grupos, indica a riqueza de possibilidades para o estudo e pesquisa.

Portanto com essas novas tendências de como ensinar História através de documentos, do uso de jornais, através da literatura, com as letras de músicas e com o uso de imagens surge às novas metodologias que vem a enriquecer o ensino aprendizagem nas escolas.

Embora o uso de documentos escritos seja muito importante na construção das narrativas historiográficas, a formação de historiadores no Brasil no geral não tem dado substantiva atenção às técnica de relacionamento pesquisador com esse tipo de vestígio:

Tal demanda [a da pesquisa em arquivos] nem sempre e bem correspondido pelo que as grades curriculares dos cursos de História oferecem. Em sua maioria, disciplinas centram seus programas na fundamental discussão historiográfico deixando, porém, de dar maior atenção as fontes documentais que nortearam essa produção. Faltam talvez esforços para introduzir em algum momento do curso, noções básicas sobre organização arquivística,

leitura paleográfica e crítica das fontes que auxiliariam o aluno na tomada de decisões e o entendimento do processo de construção do saber histórico (BACELLAR, 2008, p23-24).

O contexto apresentado nos remete às seguintes questões: como qualificar o uso de documentos escritos no ensino de História? Quais estratégias podem ser utilizadas para efetivamente ocorrer à transposição didática do conhecimento por meio da leitura, interpretação e análise desse tipo de fonte?

O autor vem destacar que temos que buscar caminhos para a utilização com a prática para o uso de documentos escritos no processo de ensino nas aulas de história. E discutir o percurso do documento escrito desde sua concepção, passando pelo processo de arquivamento, até o seu encontro com historiadores e, num último momento, com professores e alunos, para que professor tenha uma preparação de como manusear o documento de forma que não possa ser danificado.

O professor também pode ser qualificado a trabalhar com os jornais, com as letras de músicas, que devem ser selecionadas com o contexto das aulas que serão ministradas, também com o uso das imagens onde está pode fazer com que os alunos imaginem como foi que tal fato ocorreu.

Também temos os museus que servem como base para o ensino de História, para os alunos visitar um museu tem muito significados. É uma oportunidade de sair da escola, de deixar de lado os movimentos repetitivos e previsíveis da sala de aula. É também momento de adquirir conhecimentos, conhecer um espaço diferente, coisas antigas, um lugar bonito e novas pessoas.

O museu é um espaço complexo, no qual convergem diferentes dimensões e processos da produção do conhecimento: coleta, pesquisa, guarda conservação e comunicação. É uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Como espaço de produção conhecimentos abertos ao público, sua função é adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente para fins de pesquisa, educação e lazer. Assim o papel dos museus é definido, na atualidade, por sua função *educativa*.

No museu, imagens e objetos são organizados para “evocar” o invisível, algo que não está presente (o passado). Esses elementos são mensageiros de um discurso histórico, de uma construção que envolve valores e interesses. Assim, para serem compreendidos, é necessário conhecer os processos de sua produção, circulação e apropriação. Sobre isso, Le Golf (1992, P. 535) alerta:

(...) o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa os historiadores.

O museu –prédio, objetos imagens- é fruto de uma série de forças e interesses que operaram na sua construção, instituição e manutenção. O que é possível visualizar é a ponta de um *iceberg* cujas bases são profundas, estão além do que é inicialmente proposto pelo olhar, exigido, assim, o mergulho na História problematizada, matizada, construída pela reflexão, motivada nos visitantes pela curiosidade surpresa, por questionamentos surgidos do contato com de evidências de temporalidade diferentes.

Ao conhecer um museu, o visitante entra em contato com espaços e exposições de imagens e objetos de diversos sentidos, o que gera uma *experiência única com o passado*. No museu os alunos tomam conhecimentos de aspectos da comunidade/sociedade em diversas épocas e dimensões dos mundos públicos e privados. Espaço, linguagem da exposição, objetos e imagens narram a Histórias, cristalizam memórias, novas narrativas. Desta forma o museu também é uma das novas metodologias para o ensino de História.

A música vai entrar nessas novas metodologias também, pois ela está presente em nosso cotidiano. É veículo de representação dos sentimentos das pessoas. Quem não tem uma música preferida? Quem não ouve ou cantarola canções que alegram, ou distraem ou marcam sua vida? Da mesma forma, ela é utilizada para representara relação com a pátria, com a religião com as pessoas, com os diferentes espaços nos quais transitamos diariamente. Ela é um:

(...) produto social (...) [que] representa modos de ver o mundo, fatos que acontecem na vida cotidiana, expressa indignação, revolta, resistência, e mesmo tenham um tema específico, ela traz informações sobre um conjunto de elementos que indiretamente participam da trama. No Brasil, música popular é especialmente importante porque, para a maioria da população, as formas de comunicação oral são muito mais fortes que a escrita (ABUD; GLEZER, 2004, p.12).

O principal objetivo do ensino de história com a música é discutir fatores que mostrem importância da música para a construção do conhecimento histórico no espaço escolar. Dessa forma, as representações históricas elaboradas pelos alunos e motivadas pela música podem ser compreendidas e trabalhadas de maneiras diagnósticas pelo professor por meio da

utilização de uma didática voltada para as especificidades da linguagem musical, transformando-se, assim, numa ponte entre a consciência histórica e o passado histórico.

Outra metodologia abordada é o uso das fotografias no ensino de história é uma fonte rica em informações para a reconstituição do passado, ainda que sua utilização também possa comportar a constituição de ficções. A diferença entre um ato ou processo e outro depende de diferentes fatores. No primeiro caso, varia dependendo das questões feitas pelos historiadores em suas pesquisas; no segundo, são consequência direta dos objetivos que levaram à sua produção, como as fotonovelas, muitas populares até pouco tempo atrás, ou as fotografias publicitárias.

Entretanto, isso não significa que as fotografias utilizadas para a constituição de ficções não possam ser utilizadas, com o passar do tempo, nas pesquisas historiográficas, como documentos ou registros que podem contribuir para lançar luz sobre determinada época, com suas formas de relacionamentos sociais, representações e significados, incluindo suas influências na constituição da memória.

Da mesma forma que o historiador, o professor, como agente fundamental na construção do conhecimento escolar, também pode utilizar a fotografia como poderoso instrumento de desenvolvimento do conhecimento histórico de seus alunos.

Mesmo que não seja uma regra, dada a variabilidade ficcional, a fotografia, principalmente a jornalística, congela um instante do passado, ainda que selecionado pelo fotógrafo (autor ou artista dessa nova fórmula de arte), diferente da pintura, que é criação ou representação pura. Segundo Saliba (1999, p.4)

Ao contrário do que se costuma dizer, a “imagem não fala... por si só”. Penso aqui nas imagens cruas, sem nenhum comentário ou legenda. Tais imagens podem interessar impressionar, seduzir, comover e apaixonar, mas não podem informar. O que nos informa são as palavras.

Nesse sentido, a fotografia aproxima-se do cinema, cuja produção nunca nenhum governo, classe social ou poder conseguiu dominar totalmente. Ângulos de câmeras, recortes, mais abertos ou fechados, tons, luminosidade fazem parte das construções fotográficas e cinematográficas, ainda que ambas se diferenciem em um aspecto fundamental que altera toda sua linguagem e teia de significados: ao passo que o cinema é constituído por imagens em movimento, a fotografia se mantém no campo das imagens fixas.

Mais uma dessas novas metodologias no ensino de História é o cinema, cujos filmes, à semelhança do que ocorre no conhecimento histórico, são produzidos com base em processos

de pluralização de sentidos e verdades. Apesar das particularidades e especificidades de cada um- dos filmes e do conhecimento histórico-, incluindo seus métodos de trabalho, ambos são construções mentais que precisam ser repensadas e trabalhadas intensamente.

Nesse sentido, as obras cinematográficas são construções carregadas de significados, construídos a partir da seleção dos elementos que irão compor as imagens e o som que acompanham e, depois, na articulação entre os diferentes conjuntos de imagens a partir da edição e montagem dos filmes.

Compreender os caminhos pelos quais os filmes e o conhecimento histórico são produzidos, com suas diferenças e convergências, implica em desenvolver a percepção para se entender como é construída na narrativa fílmica.

A partir da década de 1979, a produção fílmica passou a ser considerada importante para a construção do conhecimento histórico e do saber escolar. Entretanto, a aceitação do filme como documento remonta ao abandono da concepção de história da escola metódica provocado pelo advento da revista dos *Annales* das obras de Marc Bloch e Lucien Febvre, nos anos de 1930, que colocaram o historiador na condição de fabricante do seu objeto, portanto, de seu jeito na produção da História.

Seguindo essas propostas e visando ao controle da influência do cinema sobre a juventude, foi criado, 1937, o instituto nacional do cinema educativo (Ince). Conforme relata Abud (2003, p. 1986-87):

As produções do cinema educativo, que tinham como finalidade instruir a juventude sobre a nossa História, acatavam o princípio da história oficial, e se por um lado pareciam servir aos objetivos da Escola Nova, por outro ajudava a sacramentar mitos nacionais.

Ao mesmo tempo em que defendiam os princípios da Escola Nova, alguns professores, alinhados com paradigmas da escola metódica, defendiam o uso dos filmes educativos nas aulas de História desde que esses fossem capazes de defender a “verdade histórica”, ameaçadas pelos filmes históricos.

Serrano (1935) afirma que outras produções fílmicas admitidas no ensino de História seriam aquelas filmagens de excursões a lugares históricos, acompanhadas de comentários feitos por especialistas.

Desta maneira o autor vem-nos mostra as novas metodologias que podem ser inseridas no ensino de História, de forma que aja uma maior complexidade do aluno com o tema abordado pelo professor na sala de aula.

1.2 O papel da escola com as novas metodologias

A lei 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional, no artigo 22, aponta o caminho a prosseguir na educação básica: “(...) desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Assim, as diretrizes, os princípios pedagógicos, os valores a serem transmitidas, as competências e capacidades visualizadas, a seleção dos conteúdos das diversas áreas de conhecimento, os conceitos fundamentais, as estratégias de trabalho e as propostas de intervenção do professor estão todas pautadas por esse princípio maior que vincula a educação à prática social do aluno, ao mundo do trabalho, à formação para a cidadania. A tônica incide sobre o desenvolvimento da capacidade de aprender e de adquirir conhecimentos e habilidades, e sobre a formação de valores. Portanto, os objetivos da escola básica, segundo essa lei, não se restringem à assimilação maior ou menor de conteúdos prefixados, mas se comprometem a articular conhecimento, competências e valores, com a finalidade de capacitar os alunos a utilizarem das informações para a transformação de sua própria personalidade, assim como para atuar de maneira efetiva na transformação da sociedade. É dever da escola, e direito dos alunos do ensino fundamental e médio, oferecer e trabalhar os conjuntos de conhecimentos que foram socialmente elaborados e que estudiosos consideram necessários para o exercício da cidadania.

O papel da escola tem sido muito discutido e questionado devido ser um lugar onde se doutrina, se adentra, e disciplina para ser mais eficiente possível ou lugar para formar indivíduos críticos, com uma visão do homem e do mundo, conscientes da realidade e de como ela foi construída.

Na atualidade, quando o mundo passa por profundas transformações e rápidos avanços no sentido social, político, econômico e tecnológico (a internet), a escola precisa acompanhar está caminhada para que a educação acompanhe esse processo que podemos chamar de mutação.

Para a escola está inserida e articulada ao contexto social é preciso pensar em uma educação dinâmica, humanista, principalmente formativa e acima de tudo, democrática, pois sabemos que a escola não é a única responsável pela justiça social, mas precisa através de um trabalho educativo eficaz e coerente amenizar as desigualdades e preparar o indivíduo da melhor forma possível para que ele for torne um cidadão crítico e, acima de tudo capaz de enfrentar as várias adversidades que vai encontrar no seu cotidiano.

Nesta perspectiva o professor tem o papel importante, é necessário, no entanto que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e esperamos melhorar o mundo em que vivem.

Para isso, é bom não confundir informação com educação. Para informa aí estão bem à mão, os jornais, e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação. Exatamente porque informação chega aos “borbotões”, por todos os sentidos, é que se torne mais importante o papel de um bom professor. Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com os melhores livros, ao passo que um bom professor pode até se aproveitar- se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre seus alunos.

Desse modo, é importante discutirmos uma proposta pedagógica para o ensino de História que não se prenda apenas aos fatos, e que tenha como objeto principal o estudo dos conceitos, proporcionando novas possibilidades, além de um processo de evolução no ensino e aprendizagem dos alunos, afinal, e através de uma visão crítica dos conceitos presentes na experiência pessoal de cada um, que nasce uma maior compreensão da própria realidade. Cabe ao professor de História resgatar estas experiências e dar-lhes sentido concreto possibilitando a apropriação e a compreensão de tais conceitos para a vida e, não simplesmente para prepará-los para as faculdades.

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de está no mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo... Ao ser produzido, o conhecimento novo supera o que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã... (FREIRE, 2011, p.30).

Neste sentido e que o professor vem ensinar ao educando, é exclusivamente trabalhar com a cidadania em diferentes tempos e espaços, de forma que o educando se torne um cidadão crítico aonde o mesmo possa vim questionar a cultura de massas que lhes é transmitida, e nessa perspectiva que a escola enquanto instituição de ensino tem o dever quanto à formação ética, moral e de consciência política, sem que seja uma formação técnica, onde não aceite ser um mero cidadão na sociedade onde vive que não entre no conformismo.

Fazer com que o ensino de História se torne fundamental, para que o educando consiga por si só dialogar com o passado para que o mesmo tenha um melhor entendimento da sua própria realidade atual.

Portanto, é necessário que a escola defina o seu projeto político pedagógico propondo uma ação educativa coletiva, Inter e multidisciplinar, buscando de forma permanente, a transformação da realidade, a melhoria da qualidade de ensino e a preparação de um homem íntegro, justo, responsável, solidário e democrático. Ou seja, com base nos temas propostos e na necessidade de cada realidade escolar, o professor deve aproximar seus conteúdos e sua prática escolar para o desenvolvimento da capacidade do aluno ler e interpretar a realidade, pois o ensino de História tem muito para contribuir, pois as novas metodologias vêm à soma com a escola de forma que está possa pôr em prática, o que a tecnologia vem lhe oferecer uma melhor educação para seus educandos.

1.3 A formação dos professores de História.

Os professores precisam estar em constante aperfeiçoamento na capacidade de reconstruir o seu conhecimento, de análise do cotidiano, de questionamento da prática individual e coletiva. Devem estar alertas às constantes transformações que ocorrem no mundo para além das paredes da escola. Inclusive em termos culturais. Esse aperfeiçoamento e questionamento precisam ocorrer tanto no isolamento individual, quanto em equipes colaborativas que desenhem e realizem projetos conjuntos baseados nas práticas da escola.

Nesse sentido não podemos ignorar que temos uma história individual entrelaçada a uma história social. É prudente que nas maiorias das propostas curriculares figurem como objetivo do ensino de história contribuir para a formação de um cidadão crítico, de pensamento crítico, ou estudar o passado para compreender e transformar o presente, metas que nada tem de novo. As inovações ocorrem quando os objetivos são a ênfase atual do papel do ensino de História para a compreensão do sentir sujeito histórico e crítico construtivo. Portanto devemos esperar da História uma contribuição relevante para uma formação de um determinado tipo de cidadão. Com isso Bittencourt afirma que:

O conhecimento não nasce com o indivíduo, nem é dado pelo meio social. O sujeito constrói seu conhecimento na interação com o meio tanto físico como social. A aprendizagem só tem sentido na medida em que coincide com o processo de desenvolvimento, com o movimento das estruturas da consciência. (BITTENCOURT, 2004, P.19/20).

A autora defende que o conhecimento se constrói a partir da socialização e envolvimento com o meio no qual está inserido, observa-se que nesta perspectiva que o conhecimento científico é embasado e que a prática pedagógica faz-se sob o mesmo referencial.

A experiência de um professor em História traz a enfatizar a necessidade de uma reflexão sobre a prática pedagógica para o ensino eficaz, atraente curioso, abrangente e capaz de instrumentar o aluno para a compreensão das transformações, sem esquecer de que o mundo atual é o resultado de um longo e contraditório processo histórico.

Devemos enquanto professores em formação indagar sobre a nossa graduação em História fazendo algumas perguntas, que cuja vai nos proporcionar uma relevante posição para o ensino e aprendizagem em história como, por exemplo, como alguém se torna professor (a) de História? Como me tornei professor de História? Como nos tornamos professores? Existe um momento na carreira do professor em que é legítimo falar disso como um processo finalizado, um ponto ultrapassado? Por que a opção pela História e pelo ensino? Como e ser professor de História no Brasil? Como compreender a experiência pessoal e profissional dos sujeitos que têm como ofício o ensino de História? Responder a essas questões pode parecer algo simples e corriqueiro para aqueles que têm como ofício busca incessante de explicações históricas. No entanto, é algo bem mais complexo.

Quando debatemos sobre formação docente, tratamos, fundamentalmente, da construção identitária dos professores. Concordando com Nóvoa (1991, p. 70), "estar em formação implica um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade pessoal que é também uma identidade profissional". Ou seja, "a formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal". Logo, a formação docente não se resume a uma etapa da vida escolar, não é uma tarefa exclusiva de determinados agentes, lugares e tempos, mas se processa ao longo da vida profissional dos sujeitos.

Nos últimos anos, estamos vivenciando um processo de revisão, críticas, ampliação e reconhecimento de diversos espaços, processos, sujeitos, saberes e práticas formativas, modos de ensinar e aprender a ensinar, de forma-se, tornar-se professor de História. Ao fazer um balanço sobre as perspectivas de formação de professores, Imbérnon (2010, p.8) afirma que nos últimos 30 anos do século XX nos deixaram avanços significativos, com os quais compartilhamos no Brasil, tais como: crítica ao modelo advindo da racionalidade técnico-formadora; análise dos modelos de formação; análise das modalidades e suas potencialidades;

maior aproximação entre formação e instituições educacionais; maior conhecimento da prática reflexiva, de projetos de formação, além de maior teorização sobre o tema.

Então o professor de História que é um profissional, ele deve buscar o enriquecimento de sua base teórica e metodológica para orientar um processo de ensino/aprendizagem significativo. Também cabe ao mesmo desenvolver a prática pedagógica, o professor deve considerar a existência de pré-requisitos e o domínio dos conceitos básicos. Uma das preocupações do professor em História é tornar o ensino mais eficaz e atraente, sendo que para isso ele deva viabilizar o desenvolvimento de potencialidades.

Mas esta formação de professores de História passou por um grande debate no Brasil no final do século XX, inspirado no movimento acadêmico internacional e nas políticas públicas educacionais, e articulado como eles, pautou-se, basicamente, por três questões: as licenciaturas curtas/pletas em estudos Sociais e Histórias; as dicotomias bacharelado/licenciatura em História, teoria/prática; e a elaboração/implementação das Diretrizes Nacionais para os cursos superiores de História e de formação de professores para a Educação Básica após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9394/96. A centralidade do debate gravitou, sobretudo em torno de um determinado lócus/território de formação de professores de História, ou seja, dos cursos superiores de História que formam e certificam e identificam o professor de História.

Nos primeiros anos do século XXI, identificamos uma continuidade e também uma ampliação do movimento acadêmico e político para a formação e profissionalização do professor. Esse alargamento representa o reconhecimento de outras perspectivas de análise multidisciplinar e interdisciplinar, bem como da complexidade do pensamento e da realidade social, cultural e formadora em nosso país. Implica adotar o princípio dialógico, da partilha de experiências, e o rompimento com as formas hierarquizadas e mecanicistas de organização de saberes e práticas. Foram repensados o conceito e o lócus de formação, incluindo os entre-lugares, os espaços intersticiais e informais.

A formação e a profissionalização do professor passaram a ser situadas no contexto social das mudanças na produção científica cultural, técnica, pedagógica e artística que cada vez mais impactam as formas de viver, sentir e agir das diferentes gerações. As novas tecnologias de comunicação, o rápido e diversificado acesso às informações globais, as relações sociais via redes sociais horizontais demandam novas maneiras de educar e ensinar que não são mais tarefas exclusivas dos professores e das escolas. A sociedade multicultural requer o enfrentamento de práticas discriminatórias e preconceituosas, portanto a necessidade de conviver e educar para a diversidade e as diferenças múltiplas.

Assim, de acordo com Nóvoa (2011, p. 14), os professores reapareceram no século XXI como “elementos insubstituíveis não só na promoção das *aprendizagens*, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da *diversidade* e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das *novas tecnologias*”.

O professor inovador é o que, pela mediação, abre caminhos para o conhecimento e desenvolvimento, formando não somente alunos, mas seres capazes de exercer seu lugar no âmbito social, a centralidade e a relevância do meio social/cultural, estão presentes neste contexto, onde a construção da identidade é primordial. Percebe-se, que a relação do ensino/aprendizagem caminha para rumos instigantes e fundamentais para um ensino de História qualitativo.

O professor de História pode usufruir de inúmeros recursos para elaborar uma aula que lhe proporcione bons frutos, como motivar os alunos para leituras, reflexões, esclarecimento de dúvidas, oportunizando a defesa de suas idéias, a elaborações de sínteses ou conclusões, além das leituras em livros didáticos e/ou de apoio utilizar sempre como subsídios, artigos de revistas, reportagem de jornais, obras literais, letras de música, dramatização e cinema, pois através de filmes que contam um pedaço da História. Pois estes vão auxiliar na sistematização do conhecimento, bem como no processo do ensino/aprendizagem, mais vale ressaltar que o professor deve saber administrar esses conteúdos na sala de aula. Isso nos faz reconhecer que a docência

Não é uma profissão que se exerça algumas horas por semana: é uma forma de partilhar o saber, um modo de relação com os outros. Quanto a História, é um certo olhar sobre um mundo e um método de conhecimento. Aprática do ensino da História não se isola. Há para um professor mil outras maneiras de aprender e ensinar de ampliar a sua formação. (CHAUNU *et al.* 1987, p. 319)

Os professores tornam-se professores de História aprendendo e ensinando, relacionando-se com o mundo, com os sujeitos com os saberes e com a história. Formação e prática não são atividades distintas para os professores. Ensinar e confrontar-se, cotidianamente, com a heterogeneidade e partilhar saberes. Assim, por caminhos distintos, movidos por visões teóricas e políticas, o papel do professor de História é contribuir para formar cidadão.

Ao torna-se professor de História, o sujeito (ré) constrói sua identidade pessoal e profissional. Mas existirá um momento na carreira do professor em que seja legítimo falar

disso como um processo finalizado, um ponto ultrapassado, como alguns ainda acreditam?
Segundo Novoa (1992, p.14),

(...) mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo a sua maneira de ser professor. [nesse sentido] A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

No caso específico do professor de História, a ambigüidade da profissão se faz mais evidente, pois, conforme afirma Remond (1987, pp. 289/290), “se consideramos que a ‘inteligência histórica’ se define mais por uma atitude de questionamento do que pela posse de uma soma de conhecimento, não acabamos nunca de nos tornamos professores de História”.

Nesse ponto o autor relata que o professor de História deve estar sempre procurando aprender e se renovar na sua forma de ensinar a disciplina de História, para seus alunos, desta forma o professor não deve se reter em apenas relatar os fatos históricos como um ser supremo no espaço da sala de aula, mais criar e inovar, sentir quais são as necessidades dos alunos, encará-los como membros ativos do processo de aprendizagem, o qual não pertence somente ao corpo docente, mas sim a todos envolvidos na plena formação do indivíduo social.

Portanto com essa formação dos professores de História, devemos chamar a atenção para as instituições, cujo esta, passe a ser um local de aprendizagem, onde o conhecimento seja elaborado de forma participativa, critica e multidisciplinar, fazendo as devidas orientações nas atividades para que o aluno estude observando, experimentando, testando, construindo o conhecimento utilitário, bem como, exercitando o conhecimento científico para que possa aprofundar-se nas experiências e na análise da realidade local e regional em que vive.

Desta forma deve se vir que é de grande importância a formação (graduação), no curso de História, uma boa formação vai quebra aquele paradigma de que o professor de História é autoritário, e chato, só passam o conteúdo sem explica, mais o professor formado em História deve saber de sua importância na interrelação professor/aluno, pois através desta, é que acontece uma dinâmica capaz de fazer da sala de aula, um espaço de produção de conhecimento, onde a formação do aluno perpassa o nível de informação possibilitando o

mesmo desenvolver habilidades, defender idéias, enriquecer sua postura, e agilizar a sua transformação enquanto indivíduo na sociedade.

Desta forma podemos concluir que junto a minha voz à daqueles que defendem a aprendizagem docente, de modo permanente, como elemento constitutivo, inerente ao desenvolvimento profissional dos professores. Isso pressupõe reconhecer e lutar pela perspectiva que articula a chamada formação inicial nos cursos universitários a História de vida dos sujeitos, à sua experiência, à sua formação nos diferentes espaços e tempos ao longo de sua vida. Trata-se de uma luta teórica, mas, sobretudo, política, pois qualquer projeto de formação permanente no Brasil dependerá de uma política de valorização da profissão-professor.

É preciso, sim, formar permanentemente os professores, mas lutando para que seu desenvolvimento pessoal e profissional signifique também mudanças concretas no sistema educacional brasileiro. Hoje, o historiador que faz opção pelo ensino, para desenvolver seu ofício em sala de aula, deve ter consciência da ambigüidade da profissão: ocupa uma posição estratégica e, ao mesmo tempo, aparentemente desprovida de saberes; vive cotidianamente o dilema entre a autonomia profissional e a ameaça da proletarização. Portanto, “ser professor”, “torna-se professor”, “constituir-se professor” de História, exercer o ofício, é viver a contradição, é exercitar a luta, e enfrentar a heterogeneidade, as diferenças sociais, econômicas e culturais no cotidiano dos diferentes espaços educativos.

Portanto se faz necessário refletir, analisar e avaliar o processo de ensino e de aprendizagem para que possamos definir e construir os conhecimentos adequados ao nível dos alunos considerando o seu contexto sócio histórico.

CAPÍTULO II

NOVAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM UMA ESCOLA DE TEFÉ/AM.

2.1 conversando com os dados de campo

A seguir será apresentada a análise da pesquisa, a descrição das opiniões dos participantes será de forma crescente, pois os entrevistados tiveram acesso a 10 questões para responderem. Desta maneira foram feitas as seguintes perguntas, e tivemos as seguintes respostas que irá comprovar a pesquisa feita na escola.

Esta parte da pesquisa de campo refere-se à compreensão e resultados dos dados obtidos na informação adquirida, sobre a importância das novas práticas metodológicas utilizadas no contexto escolar no ensino aprendizagem dos alunos.

Os dados obtidos na pesquisa de campo deram-se através da observação, que teve início com o estágio supervisionado II, no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho, a partir do dia 13 de abril do ano de 2018. Pudemos observar as novas formas de como poderíamos elencar as novas metodologias no ensino de História na referida escola, com o passar dos dias tive a convicção que meu trabalho de conclusão de curso seria nesse sentido.

De início foram feitas as observações, e depois foi elaborado um questionário e também percorremos várias fontes que muito contribuiu para esta pesquisa vale destacar Circe Bittencourt, (2006), Kátia Abud, (2010), e Selma Guimarães, (2003). A pesquisa foi desenvolvida no Ensino Médio com a participação de 20 alunos do 1º ano do turno vespertino da referida escola, também foram traçados o aspecto dos alunos da escola, no qual constatamos que a clientela (os alunos), é de classe média baixa e alta. Mas essa diferença de classe não é levado em conta na escola, já que a escola só recebe os alunos com as melhores notas e sem serem repetentes, deixando o nível da educação bastante elevado no município de Tefé, é a aberta para as novas tecnologias que facilitam o aprendizado do aluno. Sendo um ponto de referência em educação

1-Você gosta da disciplina História? Justifique sua resposta.

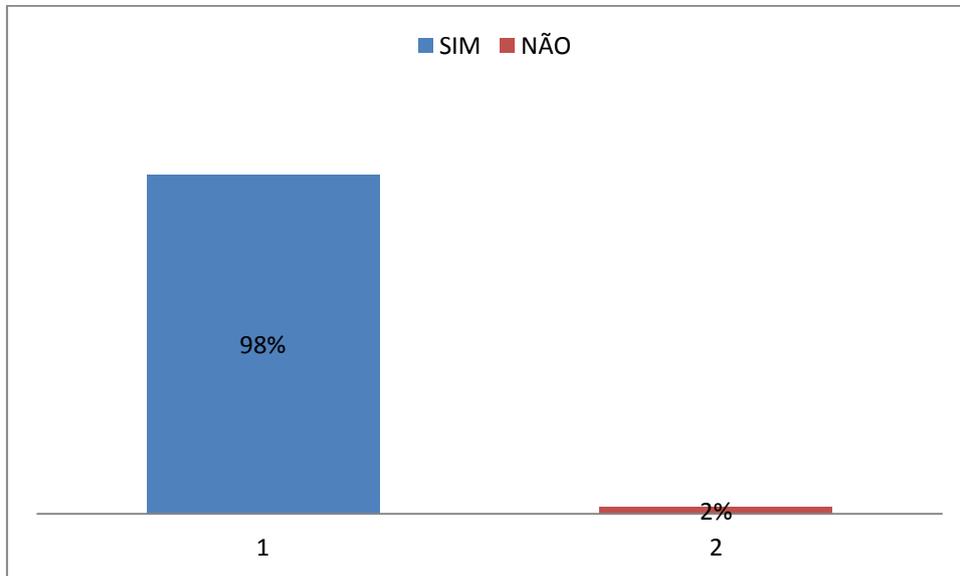


Figura 1. Distribuição dos alunos segundo sua preferência pela disciplina

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto Mestrinho, 2019.

A primeira pergunta da minha pesquisa de campo vem mostrando que 98% dos alunos entrevistados responderam sim, que gostam de estudar a disciplina de História, pois a mesma tem a finalidade de mostrar fatos ou feitos que acontecem na história do Brasil e do mundo, e também descreve a origem e o lugar ocupado por uma sociedade com diferentes saberes, assim a disciplina de História deve levar os alunos a terem uma visão de como formular problemas, e tomar atitudes para responder as suas perguntas que foram formuladas de forma construtiva diante dos fatos da realidade investigativa e construir novos conceitos do mundo histórico.

Gramsci in *Historian & Perspectiva* (1991, p. 154) afirma que, a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, onde o professor exerce apenas a função de guia amigável, tal como ocorre ou deveria ocorrer na universidade.

2-O seu professor adota qual metodologia no ensino de História?

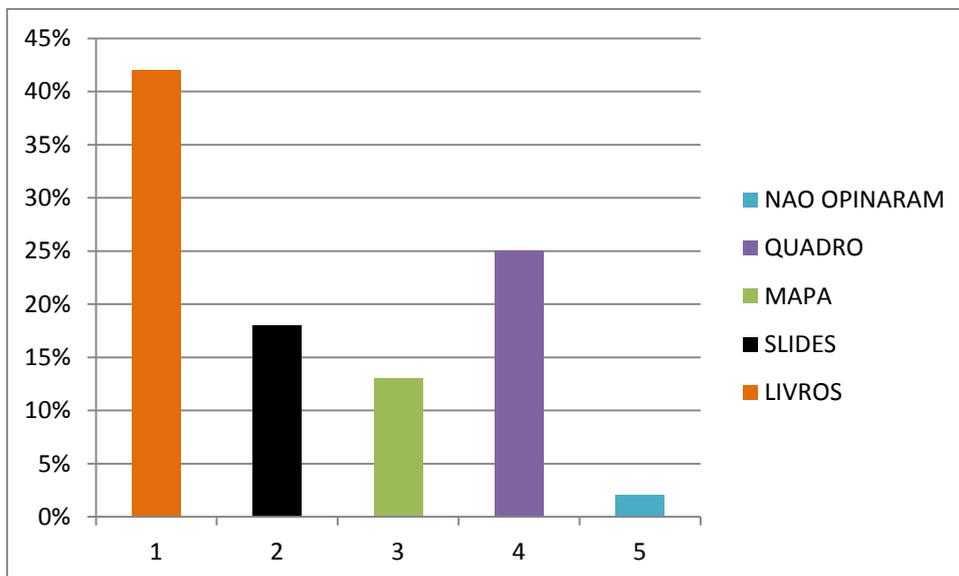


Figura 2. Distribuição dos métodos usados segundo alunos.

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto mestrinho, 2019.

Este gráfico nos mostra a forma de como o professor vem usando as novas metodologias na disciplina de História, 42% dos entrevistados responderam que seu professor utiliza o livro para o ensino aprendizagem, 18% disseram que o professor usa o slide, 13% usa mapas, 25% responderam que o mesmo usa o quadro branco, 2% não responderam.

Nesta questão podemos perceber que o professor tenta utilizar outras ferramentas diferenciadas na aprendizagem do aluno, já que a questão teve percentual a baixo de 50%, dos itens que o professor utiliza nas suas aulas. Os alunos também relataram que no Ensino Fundamental o professor só utilizava na maioria das aulas o livro, é enquanto o professor do Ensino Médio utiliza outros meios para o ensino aprendizagem em história. Outros alunos também disseram que o tempo de aula esta, mais curto e que quando o professor quer passar um filme ou um documentário de tal assunto de História leva até três aulas para poderem assistir.

Neste sentido chamamos a atenção da escola para que ela passe a ser um laboratório de aprendizagem, onde o conhecimento seja elaborado de forma participativa, crítica. Segundo Paulo Freire, (2011, p. 47)"Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção".

Portanto o professor que é o orientador de propor atividades onde o aluno estude observando, experimentando, testando, construindo o conhecimento utilitário, bem como

exercitar o conhecimento científico para que possa acompanhar as transformações sociais, educacionais, culturais, políticas e econômicas.

3- Na disciplina de História você tem a oportunidade de expor as suas opiniões sobre os assuntos exposto na sala de aula? Justifique sua resposta.

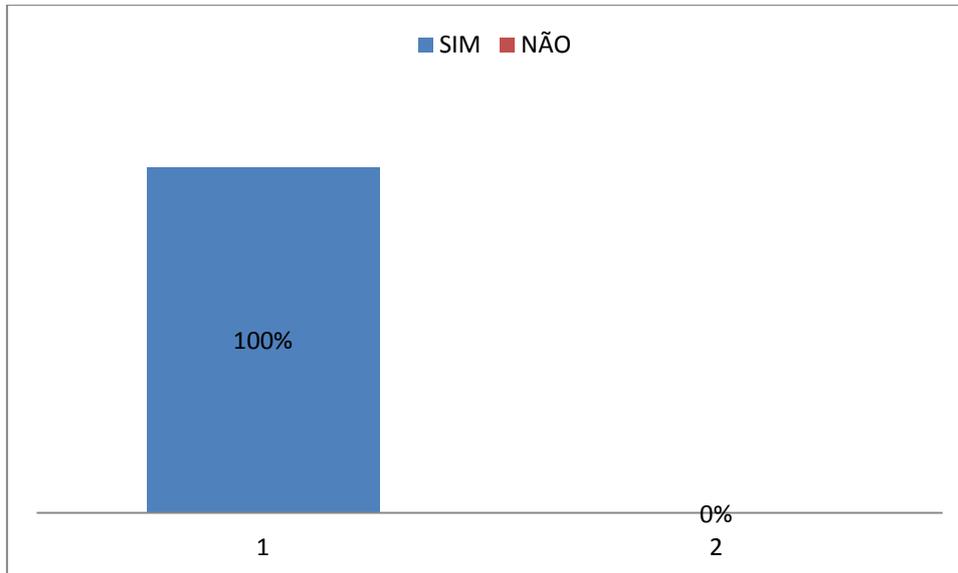


Figura 3. Distribuição dos resultados dos alunos segundo pesquisa.

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto mestrinho, 2019.

O gráfico é esclarecedor, onde nos mostra que os alunos participam das discussões em sala de aula, pois dos 20 alunos entrevistados 100% afirmaram que o professor dar ao aluno a oportunidade para expressar seu conhecimento ou apenas tirarem suas dúvidas.

Ressaltamos ainda para o que estamos vivenciando uma educação e uma sociedade pós-moderna, onde a mesma é denominada sociedade da informação e comunicação, em que não se admite mais uma escola arcaica, descontextualizada, fragmentada, dissociada da realidade, com horários rígidos em disciplinas, currículos e programas impostos, onde apenas o professor detinha o conhecimento e só ele poderia dar sua opinião.

4- Você concorda com o ensino de História pautado na pesquisa de campo? Sim e por quê?

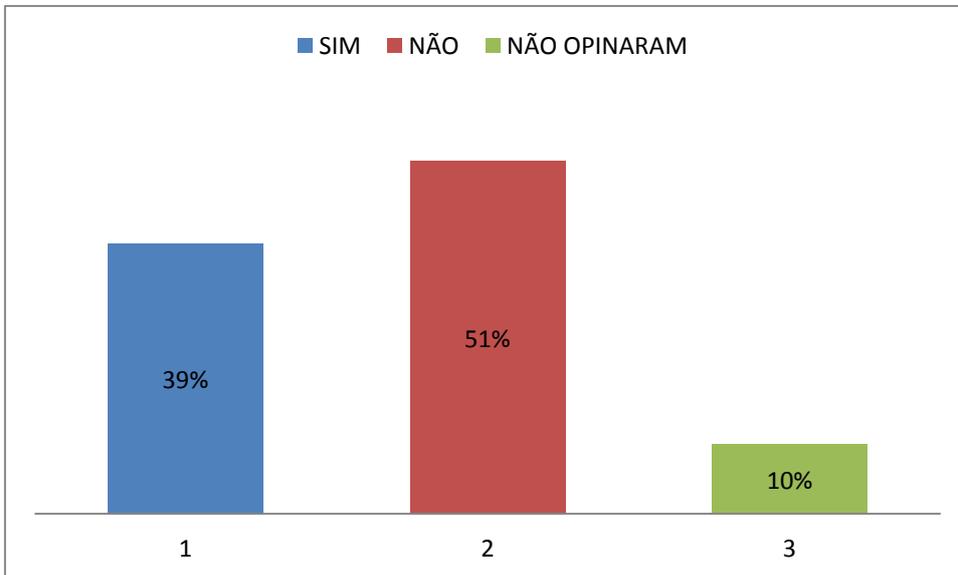


Figura 4. Opiniões dos alunos segundo questionamento

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto Mestrinho, 2019.

Das alternativas 51% dos alunos responderam não concordam, a prática no campo, 39% responderam sim e 10% não opinaram. Mas para aplicar essas novas metodologias no ensino de História, deveríamos ter uma ação pedagógica extrema, e inovadora mediante a prática no campo, onde pudéssemos dar espaço para que nossos alunos realmente produzissem seus conhecimentos para a formação de um sujeito crítico, reflexivo e inovador, onde pudessem ter um bom relacionamento no meio social e que vive.

Se a prática de campo for bem feita com o aluno, ele facilmente vai produzir o seu conhecimento, também vai adquirir com êxito a sua autenticidade, criticidade, criatividade, dinamismo, entusiasmo, ele vai questionar, investigar, interpretar a informação, com esta perspectiva o aluno não apenas a aceita como uma imposição ele torna-se um pesquisador, o professor que trabalha com métodos inovadores torna o ensino mais atrativo e de qualidade, despertando a conscientização de uma nova maneira de ensinar, uma nova postura pedagógica, e essa nova prática leva o aluno a descobrir, investigar, discutir e interpretar o seu contexto social em que vive. Para Chavallard (1991), é importante que:

O professor faça uma ligação da educação escolar com a ciência desenvolvida [...]. Ser por um lado os alunos estariam sempre em contato com a pesquisa mais recente, por outro, os professores estariam em constante atualização, ou deveria estar para que a proposta funcione, já que a ciência evolui rapidamente.

Quando Chavallard, fala em uma ligação e como o professor de História deve se portar diante das novas tecnologias, por exemplo, o professor dos anos 80 só tinha o livro em seu favor, o dos anos 2000, já vem com as tecnologias do computador, o Data show, o cinema para auxiliar durante suas aulas, ele tem que deixar de lado o caderno de folha amarelada e acompanhar as mudanças na educação, já que com o passar dos anos as ciências estão em constantes transformações.

5- Seu professor utiliza só o livro didático ou outras fontes de pesquisa? Comente.

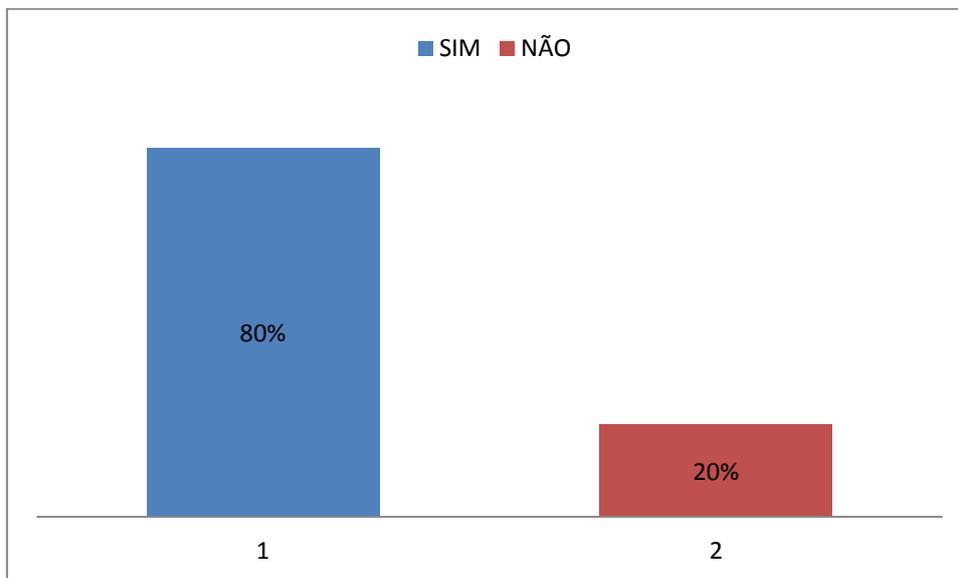


Figura 5. Distribuição dos dados relatados pelos alunos

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto Mestrinho, 2019.

Dos 20 estudantes entrevistados, 80% responderam que sim, o professor só usar o livro de didático, para o ensino aprendizagem, ele até busca incrementar métodos que estimule o aprendizado em História.

Portanto se o professor não possuir uma habilidade teórica e metodológica para poder receber os produtos do mundo contemporâneo, ele não conseguira ser crítico, questionador da sociedade em que vive e logo o trabalho com essa única fonte não terá tanto sucesso, enquanto se usar outras ferramentas fará com que o aluno se estimule de forma que possa ser crítico e reflexivo, pois esse é o principal e o maior objetivo da educação. Seffener (2000, p.277), nos afirma que:

Qualquer um de nós está hoje em dia cercado por apelos e informações divulgados pela mídia, sendo esta fonte principal de conhecimento do mundo para muitos. Trata-se de aprender a aprender os meios de comunicação, sabendo que eles produzem e reproduzem novos saberes éticos e estilos de vida.

Devemos sempre está aprendendo as novas metodologias que o sistema oferece para a educação, pois o giz e o quadro negro deram espaço primeiramente ao quadro branco e posteriormente ao Data show, mais de suma importância mesmo foi a chegada da internet, onde qualquer pessoa com apenas um clique e algumas palavras encontra o assunto que deseja, sendo desta forma um meio de fazermos com que o aluno aprenda com mais facilidade.

6- Na sua sala de aula o que você acha que dificulta, atrapalha e prejudica o ensino de História?

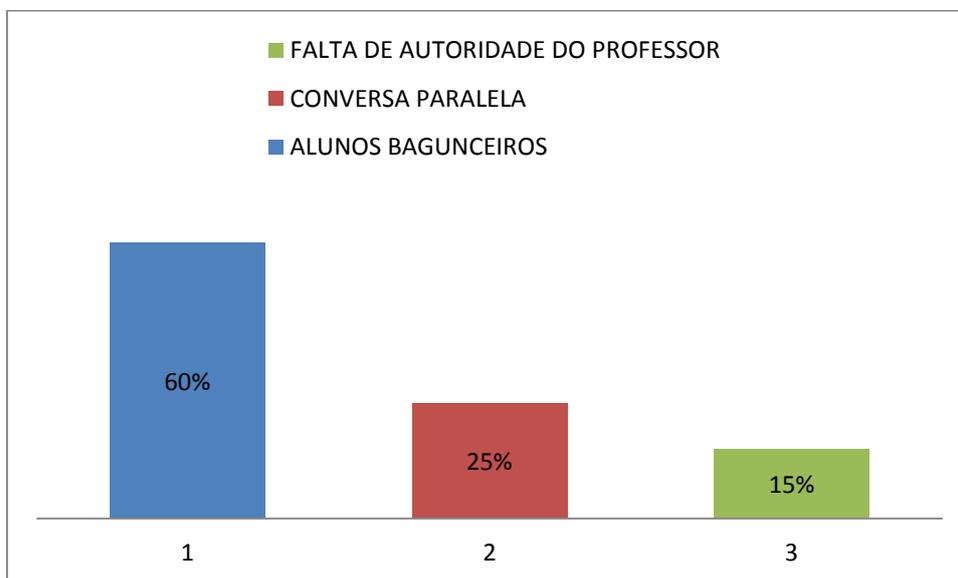


Figura 6. Resultado de como a conversa, alunos bagunceiros e a falta de autoridade do professor podem deixar a aula sem interesse.

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto Mestrinho, 2019.

Nesta questão tivemos três respostas variadas, onde 60% responderam o que dificulta o ensino aprendizagem na disciplina de História são os alunos bagunceiros, 25% responderam que a conversa paralela é que atrapalha o ensino e 15% responderam que a falta de “autoridade” do professor em sala de aula.

Portanto nesta questão podemos perceber que uma coisa leva à outra, se o professor não tem “autoridade” em sala de aula logo os alunos vão se aproveitar da fragilidade do professor, e começa as conversas paralelas, mas os professores também devem fazer com que sua aula seja atraente se o aluno sempre vai continuar do mesmo jeito, ele como mediador de conhecimento deve sempre estar em constantes transformações, envolvendo os alunos em atividades de socialização, com respeito às diferenças sociais e dentre outras. No entanto o

professor usa o seu bom senso para tentar fazer com que o aluno se interesse, mas pela disciplina de História.

Paulo Freire (2004, p.61), afirma que: "O exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar se faz no "corpo" da curiosidade". Não basta ao professor apenas passar e passar conteúdo, sem ao menos ele explicar o assunto, ele deve mostrar ao aluno que aquela aula vai ser prazerosa, se a aula é sobre História antiga ele deve trazer algo que mexa com a imaginação do seu aluno.

7-A metodologia utilizada pelo professor de História é tradicional ou inovadora?

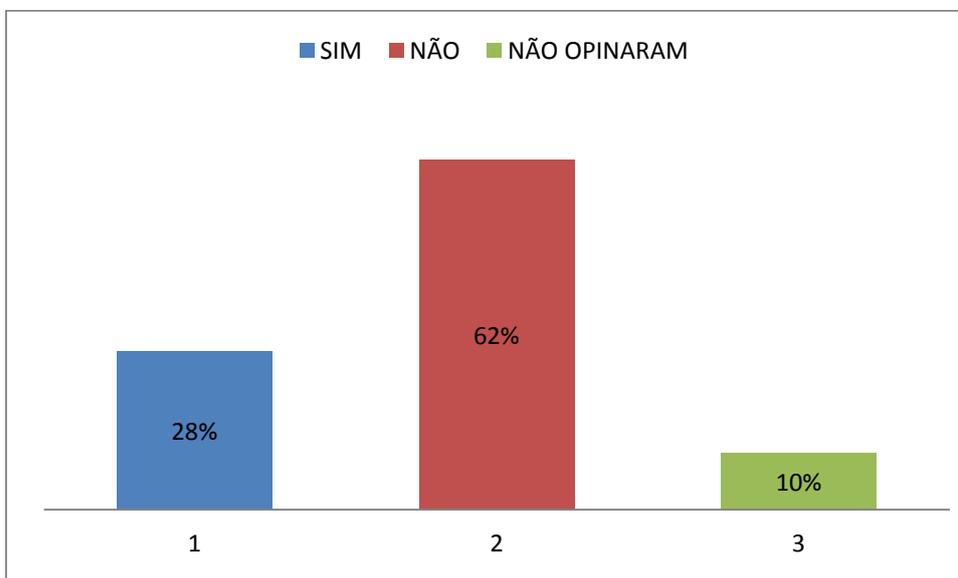


Figura 7. Distribuição dos relatos sobre a metodologia dos professores segundo os alunos.

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto mestrinho, 2019.

Nesta resposta tivemos variações expressivas de uma resposta para outra, já que 28% disseram que o professor é tradicional mais demonstram interesse em inovar sua metodologia perante a disciplina, 10% não opinaram e 62% afirmaram ou consideram que a metodologia aplicada pelo professor é inovadora. Desta forma perante estas respostas podemos considerar o fato dos alunos acharem que a metodologia utilizada pelo professor não é uma metodologia inovadora. Isso se dá ao fato dos professores estarem preocupados em dar o conteúdo (quantidade) e não qualidade do aprendizado e do conhecimento transmitido.

Devemos lembrar que esses alunos precisam se preparar e estar preparados para o vestibular e ENEM, e os alunos voltam a ressaltar que o tempo de aula é muito curto, sendo assim não tem como o professor inovar, forçando o professor a dar uma aula expositiva, pois é a melhor forma do aluno entender os conteúdos.

Ou seja, o processo de construção do conhecimento não é algo que se processa diretamente entre sujeito e o objeto a ser conhecido. Entre eles existe a ação mediada da linguagem, dos signos e dos instrumentos que exercem o papel de ferramentas psicológicas que mediam a ação do homem, seu acesso ao mundo físico e social [...].

Em outras localidades os professores têm como fazer aulas práticas, voltadas a História, pois em alguns lugares tem sítios arqueológicos, tem museu e até cinemas, onde o professor tem como ir com os alunos para assistirem um documentário ou ver os achados arqueológicos daquela região.

8- Em sua opinião como você vê a disciplina de História? Cansativa ou atraente?

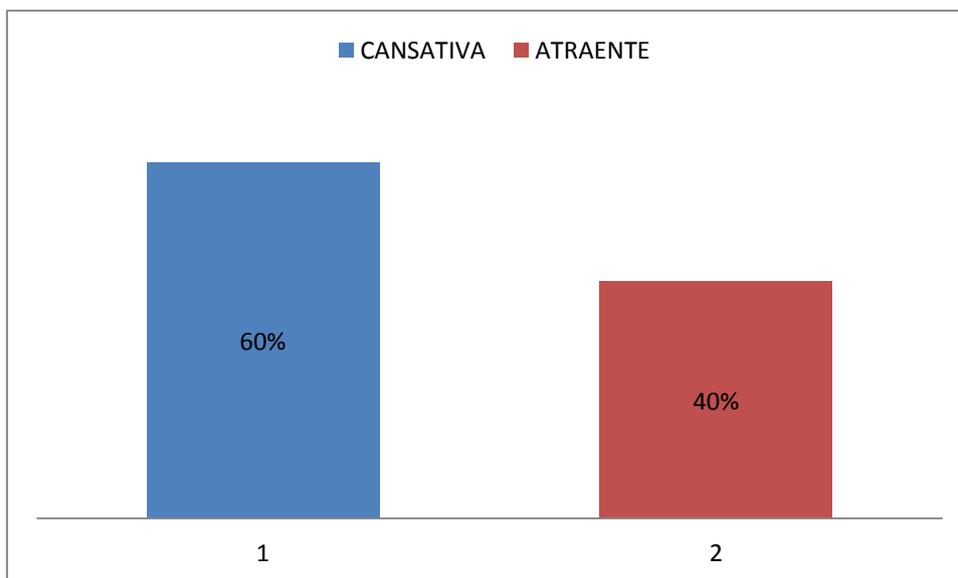


Figura 8. Opinião dos alunos em relação à disciplina de História, como cansativa ou atraente.

Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto mestrinho, 2019.

Na perspectiva da maioria dos entrevistados, cujo este chegou a 60% dos alunos eles associaram a disciplina de História como cansativa, os alunos relataram que a disciplina só se torna cansativa devido o professor de História passar muito conteúdo sem explicar o assunto, outros porque o livro é bastante usado na sala de aula. Dos 40% que acham a disciplina atraente são os alunos que realmente gostam da disciplina de forma que os mesmos dão até idéias para as aulas.

Então podemos comprovar que uma aula sem planejamentos sem inovações metodológicas causa este impacto de rejeição, mesmo porque hoje em dia os alunos são considerados por muitos como contemporâneo e assim as aulas requer de alguma forma novas

metodologias, pois essas mudanças são de suma importância para a formação perante o mercado de trabalho e da sociedade em que vive deste modo podemos fazer com que o aluno consiga com facilidade se adaptar ao mundo tecnológico atual que vivemos.

São os novos mediadores tecnológicos que descentralizam o campo da produção do conhecimento e da informação, mas exercem grande poder de influência no comportamento cognitivo e nos hábitos sociais, culturais e políticos. (TERUYA, 2006, p. 29)

Os professores têm por obrigação se adaptar ao mundo contemporâneo, pois são eles que fazem e produzem conhecimento para a sociedade, e ainda exercem grandes influências nos hábitos nos alunos, pois se o professor traz novidades para as aulas os alunos vão admirar a sua forma de ensinar e vão passar a se interessar pela sua disciplina no caso a História.

9- No seu ponto de vista o professor de História, contextualiza os conteúdos dados na sala de aula com sua realidade local? Justifique sua resposta.

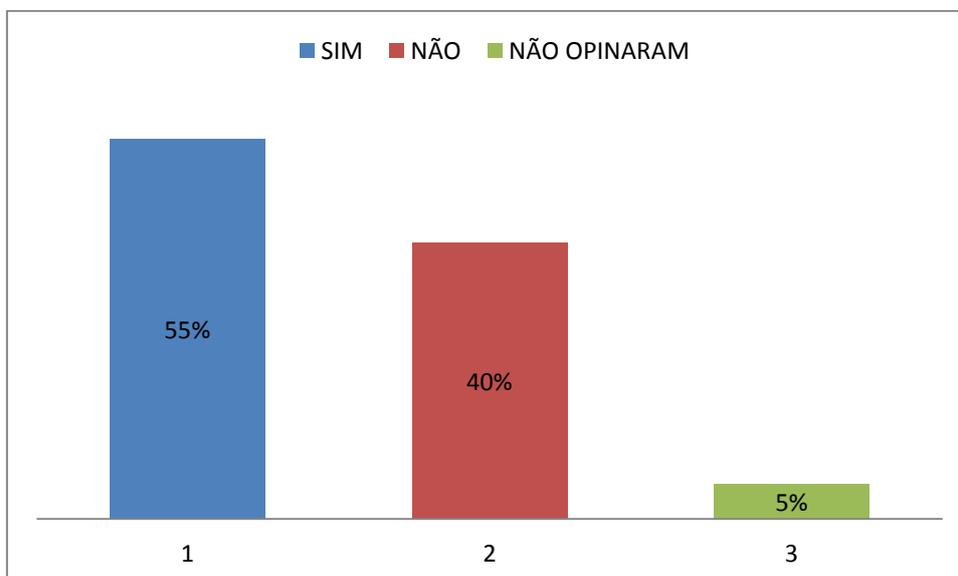


Figura 9. O professor faz ou não a contextualização do conteúdo aplicado aos alunos com a realidade local.
Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto mestrinho, 2019.

Dos 20 alunos entrevistados 55% responderam que sim, 5% não opinaram e 40% responderam que não. Nesta questão podemos perceber que os educadores já conseguem envolver os alunos com o local onde vive, também trabalham os conteúdos relacionados com a cultura, sociedade e dentre outros aspectos, podemos enfatizar que o professor é um pesquisador de informações e com visão construtiva diante da sociedade que está inserido.

Esses alunos são recém-chegados do ensino fundamental e estão vivendo algo novo em suas vidas. O professor também pode comparar ou fazer a contextualização, quando o conteúdo vem aborda sobre os primeiros habitantes da América, cujo este aborda a população como “coletores e caçadores”, fazendo uma comparação com os agricultores da sua região.

Diante desta discussão, é fundamental que seja ensinado aos alunos de História, a História geral, por exemplo, a partir da própria história local de cada um deles. Isso é importante para que os alunos se sintam inseridos na história que a escola tenta ensinar. Desta forma o ensino da história local ainda deve superar o tradicionalismo muitas vezes imposto pelos livros didáticos, tendo em vista que esses recursos oferecem aos alunos uma história pronta e acabada, mantendo-os longe do processo histórico. A historiadora Circe Bittencourt (2004, p. 121) afirma que:

[...] que o ensino de História deve efetivamente superar a abordagem informativa, conteúdista, tradicional, desinteressante e não significativa para professores e alunos e que uma das possibilidades para essa superação é sua problematização a partir do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos. Esse pressuposto é válido e aplicável desde os anos iniciais do ensino fundamental, quando e necessário haver uma abordagem e desenvolvimento importante das noções de tempo e espaço, juntamente com o início da problematização da compreensão e explicação histórica e o contato com o documento.

Temos que procurar novos meios de como ensinar a disciplina de história, devemos enquanto professor de História uma problemática para que possamos estimular os alunos a serem pessoas reflexivas para determinados assuntos. Portanto, temos que deixar de ser professor tradicional e passar a sermos modernos, aquele que traz novidades, que faz com que o aluno veja a sua volta e não só o que a sua frente, veja como está a sociedade ao seu redor, e tentando mostrar que a disciplina de História é uma forma de compreendermos o tempo e o espaço. Devemos comparar os dias atuais e os dias passados para mostrar que não tem muita diferença, pois ainda existem caçadores e coletores são trabalhadores que trabalham na estrada da Emade e Agrovila.

10- Daqui a dois anos quando você estiver saindo do ensino médio você faria o vestibular para o curso de História? Sim, não e por quê?

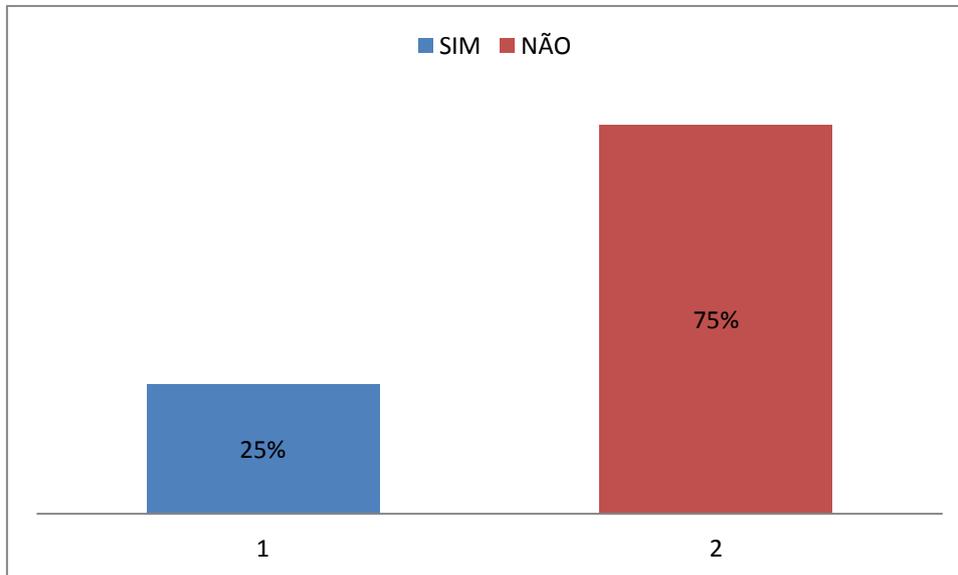


Figura 10. O professor de História está fazendo com que o aluno se torne um cidadão crítico e reflexivo.
Fonte: alunos do 1º ano do turno vespertino do centro educacional governador Gilberto mestrinho, 2019.

A questão 10 vem mostrar que o professor de História deve fazer um trabalho continuado com os alunos do 1º do Ensino Médio, durante os dois anos que falta para o aluno terminarem o seu estudo na Educação básica, pois a pesquisa mostra um percentual altíssimo em relação se o aluno faria o vestibular para o curso de História. Pois 75% dos entrevistados responderam que não vão fazer o vestibular para cursar a disciplina de História no Ensino Superior, pois os alunos disseram que não gostam de ler, é 25% responderam que sim vão fazer o vestibular na disciplina de História, pois esses alunos disseram que: A História nos conta fatos do Brasil e do mundo que podem ser importantes nas nossas vidas, fazendo com que possamos entender melhor a comunidade em que vivemos, onde podemos ser pessoas reflexivas como vários professores de Histórias que conhecemos. Circe Bittencourt (2004, p. 203) afirma que:

A questão da História do Brasil na escola requer, portanto, um compromisso político e cultural, para que a História Nacional seja cuidadosamente estudada, que a seleção da História do Brasil seja central e prioritária e que obedeça a critérios metodológicos e com a fundamentação teórica rigorosa tanto no que se refere à historiografia quanto à pedagogia, para evitar-se um ensino dogmático e ideológico.

Quando a historiadora Circe Bittencourt fala em ensino dogmático e ideológico, nos enquanto professor de História tem que fazer a distinção de dogma, dogmático e ideológico,

pois dogma e aquele que segue uma doutrina religiosa ou filosófica, e o dogmático e aquele sujeito que mostrar algo para alguém de forma autoritária, o que ele fala e a única verdade e absoluta. Vemos este tipo de ensino no tempo da ditadura militar onde era ensinado que os militares e que eram bons e as pessoas que eram contra o regime e que eram maus, baderneiros e persuasivos. Ideológico vem de ideologia ou ideal e um termo que pode ser usado como concepção crítica, pode ser um instrumento de dominação que age por meio de convencimento, persuasão e não da força física, alienando a mente humana.

Com isso não podemos ser professores tradicionais, temos que ser professores reflexivos para que nossos alunos também possam ser críticos e reflexivos, cujo não sejam alunos que acreditem no conteúdo como única verdade, mas procurem ir atrás de, mais fontes para se basearem e que não sejam alienados pelo sistema que é usado pela educação do nosso país, fazendo com que ele possa saber cobrar as coisas de forma sucinta, ou seja, de forma que ele seja visto como indivíduo passivo e não baderneiro. Desta forma temos que saber ensinar a disciplina de História para que esta tenha metodologias adequadas para o ensino-aprendizagem principalmente quando se trata de História política e cultural no Brasil.

2.2 Novas práticas didáticas pedagógicas no ensino de História.

A evolução de alguma ação se admite passar conhecimento e pelo domínio para que o professor possa ilustrar o seu processo educativo podendo dar uma seqüência didática, porque não se permite ensinar e nem se aprender se não ha um objetivo visível para que se obtenha um determinado aprendizado (ZABALA, 1998.)

Nós enquanto professores de História não podemos nos deixar levar pela forma tradicional de ensinar, temos que ser profissionais críticos e reflexivo, para mostrar para nossos alunos a serem pessoas que vão lutar, pelos seus ideais o professor tem que levar o aluno a refletir sobre tudo e todos que estão a sua volta. Para o professor a educação deve ser acima de tudo uma observação permanente, para que possa sempre esta modificando as suas atitudes.

Com isso podemos dizer que a educação, é um processo de desenvolvimento continuado onde você sempre esta aprendendo, concebendo a educação não como uma relação homem mundo, mas sempre sendo trabalhado de forma que possa trazer resultados de suma importância para nossas vidas.

O professor de História tem como usufruir de inúmeros recursos para elaborar uma aula diferenciada, sabendo que desta forma terá um bom retorno de seus alunos em sala de

aula, fazendo com que o mesmo possa se interessar por uma leitura, mas aprofundada do conteúdo proposto dentro da sala de aula. Hoje em dia o professor pode trazer para sala de aula vários recursos, para auxiliar em suas aulas como, por exemplo: um filme, uma música, artigos de jornais fazendo com que haja uma maior compreensão do conteúdo proposto em sala de aula. Contudo estes aparatos vão de certa forma auxiliar na sistematização do conhecimento, e ainda mais no processo ensino aprendizagem.

Mas vale ressaltar que o professor tem que ter responsabilidade e empenho na sua função de educador, pois se deixar sua autoridade muito à solta os alunos não vão o respeitar e sua autonomia vai ficar de lado, tem que haver uma interação professor aluno? Sim mas o aluno tem que realmente querer fazer parte desse ciclo de conhecimento que o professor determinou para suas aulas, pois sendo um profissional reflexivo seus alunos serão capazes de por si só aprenderem a ser reflexivos e críticos nos momentos certo de suas vidas como cidadão.

Sem querer tirar os méritos dos professores da escola onde esse TCC foi feito pude observar uma grande diferença entre os professores do 1º e 3º ano, um deles tentava ser aquele, mas reflexivo trazendo ou tentando fazer uma aula diferente, buscando uma aula mais atraente para seus alunos, o outro só reproduzia o que estava no livro didático sem ao menos tentar fazer algo de diferente para suas aulas, se tornado aquele professor tradicional que só vem trazer conteúdo sem ao menos explicar um pouco. Sendo esse professor tradicional o aluno jamais vai gostar de suas aulas, no entanto ser for aquele professor, mas reflexivo podemos ter a certeza de que os alunos vão gostar da forma como e propostas as aulas, onde o mesmo pode até se tornar amigo dos alunos.

A educação envolve a sociedade que interfere na gestão escolar para desenvolverem juntos competências e habilidades no processo de ensino, de maneira que os professores não se sintam isolados e nem ofendidos com a interferência da sociedade, os professores precisam ser coerentes e exercer sua competência profissional é o que ajudará a ser responsável e melhorar suas habilidades para que entenda e determine a prática educativa, essas competências precisam ser exercitadas se não ele não terá resultado e não conseguirá alcançar o seu objetivo (CONTRERAS, 2002).

Um professor reflexivo pode fazer algumas coisas para tentar mudar a forma de como ensinar a disciplina de história, como trabalhos em grupo, pesquisa de campo podendo também organizar vários eventos na escola para que a educação se torne cada vez melhor para nossa sociedade. A experiência de vida de um professor se dar a cada dia em sala de aula.

O professor deve estar bem preparado para que sua prática pedagógica não fuja da realidade de seus alunos, pois ele deve fazer uma interação que seja acessível onde se pode afirmar que o aluno consiga elaborar condições para chegar ao aprendizado e a um ensino capaz de se afeiçoarem-se aos acontecimentos ao seu redor em seu cotidiano. “A relação entre professor aluno é o principal vínculo para o ensino, o professor é o transmissor de conhecimento, e o aluno é o que recebe o conhecimento oferecido (Zabala, 1998).

Portanto o professor tem que usar as novas metodologias ao seu favor, mostrando que ele e realmente esta se adequando as novas transformações que a educação vem passando com

o passar dos anos. A concepção e método de aprendizagem dos alunos têm que ser estimada de maneira que perceba o quanto é bom e prazeroso aprender (Contreras, 2002).

Com isso o professor precisa saber quais os conteúdos trazer para sala de aula, podendo até pedir a opinião da turma, também precisa ser aberto a questionamentos de seus alunos, já que ele é um professor que interage com seu aluno, cujo ele agora é um cidadão crítico, contudo o professor ainda pode ir além fazendo com que este vá atrás de, mas conhecimento. Com o pensamento certo o professor pode ser exigente, no entanto não vai deixar de ser prazeroso para ele ensinar, nem para seu aluno aprender.

Então que sejamos professores, mais abertos ao diálogo com o aluno e até mesmo com a sociedade que nos cerca, de forma que também o professor seja valorizado como merece, ou seja, que os pais tenham ou não deixem a responsabilidade nas mãos da escola onde seu filho estuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explicar a importância das novas metodologias e práticas no ensino de História no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho, conforme os dados coletados, exposto e analisados, onde podem afirmar que vários fatores ainda influenciam a desmotivação do aluno na disciplina de História como destaque aqui: o uso constante dos livros didáticos e o quadro branco.

Sendo assim consideramos que a formação inicial do professor de História, apesar das reformulações curriculares dos cursos, ainda é um pouco distante da realidade do ensino básico e das escolas públicas. Os estudos desenvolvidos na academia muitas vezes ficam restritos a um universo reduzido de intelectuais. Em que se percebem dois lados, um que produz conhecimento e pesquisas e o outro só transmite e reproduz de uma forma simplificada esse conhecimento.

Com isso, se faz necessário repensar o ensino de História nas salas de aula, onde se tenha ações concretas para que o aluno possa entender o momento histórico e agir e pensar de forma crítica em relação à sociedade em que está inserido.

Reformular o modo de educar depende da nossa mudança de atitude pedagógica de enfrentamento começando por uma autocrítica da nossa prática. Cabe aos professores, referindo-me aqui aos professores de História, a tarefa de levar aos alunos uma educação problematizadora que os faça compreender, agir e pensar historicamente contribuindo para a formação de um sujeito que saiba situar-se no tempo e no espaço.

Com base nos objetivos dessa pesquisa, nos dados coletados e no referencial teórico, foi possível chegarmos à conclusão de que as práticas metodológicas inovadoras como o uso das imagens, filmes, documentos e músicas na sala de aula, são essenciais para despertar o interesse dos alunos pela matéria, mais esses materiais têm que ser selecionado minuciosamente pelo professor, possibilitando ao aluno uma reflexão mais prazerosa sobre a disciplina de História. Desta forma fazendo com que o aluno sinta uma motivação e curiosidade, para novos caminhos da informação trazendo um desempenho positivo de ambos os lados, logo o professor tem o objetivo de aprimorar seu desempenho profissional e tornando as aulas mais prazerosas e proveitosas para o aluno.

Diante de tudo que foi exposto, sugerimos que o professor juntamente com a instituição reveja o projeto político pedagógico que a escola contempla, sugerindo à inovação metodológica das práticas do ensino de História no cotidiano escolar promovendo a sua

formação continuada, a sua valorização profissional, também eventos culturais relacionados com a História.

Concluindo, entende-se que as novas metodologias no ensino/aprendizagem podem contribuir para a melhoria do ensino de qualidade e de aprendizagem tanto dos alunos do ensino fundamental quanto do ensino médio na disciplina de História. Este estudo teve e tem muitas limitações que um trabalho de conclusão de curso, pois ainda tem muitos elementos a serem destacados, entretanto fica uma contribuição para que outras pesquisas na área sejam realizadas, bem como, para os acadêmicos que futuramente farão estágios nas escolas públicas, conheçam não só o local, mas o perfil dos alunos. Esperamos que as reflexões tecidas neste trabalho possam contribuir para ampliar, questionar, redimensionar e aprofundar debates sobre as novas metodologias na prática do ensino de História.

REFERÊNCIAS

- Abud, Kátia Maria.1. Autonomia (psicologia)2. Educação 3.Ensino 4. Pratica de ensino 5.Professores- Formação Profissional I. Titulo II. Série..Didática e prática de ensino de história. 4 ed. São Paulo: Papirus, 2008.-Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo : Cortez, 2004.
- ALMEIDA, Adriana Mortara e VASCOCELOS, Camilo de Melo e. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, C. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.
- BARCELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2 ed. São Paulo: contexto, 2008. P. 23-79
- BITTENCOURT, Circe (Org), O saber Histórico na sala de aula, 11 ed, São Paulo, editora contexto, 2006.
- CONTRERAS, J. A Autonomia dos Professores. São Paulo: Editora, Cortez,2002.
- Ensino de História/Kátia Maria Abud, André Chaves de Melo Silva, Ronaldo Cardoso Alves. – São Paulo :Cengage Learning, 2010. – (coleção idéias em ação/coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).
- CHAUNU, P. et AL.(1987) ensaios de ego-história. Lisboa:edições 70.
- FARIA,Maria Alice. Como usar o jornal na sala de aula. São Paulo: contexto, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães: Didática e prática de ensino de História. Campinas – SP:Papirus,2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa/Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.
- IMBERNÓM, F.(2010). Formação continuada de profesoeres. Porto alegre: Artes médicas.
- KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2005
- LE GOFF,j.(1984).”Passado/Presente”. Memoria/História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da moeda, PP.293-310.
- NÓVOA, A.(1991). “A formação continuada entre a pessoa-profesor e a organização escola”. Inovação, 4(1.) Lisboa _____(org.) (1991a). profissão professor. Porto: Porto Ed.
- REMOND, R. (1987). “O contemporâneo do Contemporâneo”. In CHAUNU, P. et AL. Ensaios de ego-história : edicoes70, pp287-342.
- SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de História. In: Guazelli, César A. B. et al. Questões da teoria e metodologia da História. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- SERRANO, C. e WALDMAN, M.(2010) memória d’Africa. 3ª Ed. São Paulo: Cortez.
- Teuya, Teresa Kazuko. Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia
- ZABALA, A. A Prática Educativa Como Ensinar. Porto Alegre: Editora, Artmede, 1998.